

## A INSERÇÃO DAS MULHERES NO MERCADO DE TRABALHO

Lais Rubinich Ferreira Rufato<sup>1</sup>, Leandro Costa de Oliveira<sup>2</sup>, Enoque Pereira da Silva<sup>3</sup>

### Resumo

A questão central deste artigo é a discussão da evolução feminina no mercado de trabalho, os padrões de discriminação e subordinação de gênero no mercado de trabalho, a desigualdade salarial e os cargos ocupados. Será abordado nesse trabalho, como e quando essa luta por seus direitos teve início e toda sua evolução, relatando números significativos para a história. Tal discriminação levanta o preconceito que impede as mulheres de exercerem plenamente seu papel como cidadãs fora do ambiente familiar, bloqueando, deste modo, sua evolução no mercado de trabalho. A partir do momento em que as mulheres tiveram o reconhecimento de seus direitos, essa história começou a mudar. Muito se fez, mas muito mais ainda precisa e deve ser feito. O que nos chama atenção é o vigor e a persistência do crescimento feminino no mercado de trabalho. A cada dia mais, aumenta o número de mulheres independentes financeiramente, bem sucedidas e com altos cargos profissionais.

**Palavras-chave:** Evolução feminina. Mercado de trabalho. Preconceito. Desigualdade salarial.

### 1 Introdução

No início do século, as mulheres eram submissas aos homens, eram meras donas de casas e cuidavam dos filhos. A mulher não precisava e não deveria ganhar dinheiro. As viúvas deviam se virar para se sustentar, geralmente através de trabalhos artesanais da época ou aulas de pianos, mas essas atividades não eram bem vistas pela sociedade, além de mal remuneradas.

Com o tempo, graças às lutas promovidas, a mulher aumentou o seu espaço no mercado de trabalho e na sociedade, deixando de ser mera dona de casa e assumindo importantes cargos na sociedade atual, nos quais exerce cada vez mais um papel de protagonista, embora ainda sofra com as heranças históricas do sistema social patriarcal em seu dia a dia.

Hoje não há mais um único espaço masculino no mercado de trabalho que não tenha sido invadido pelas mulheres. Elas ocupam cargos de responsabilidade, como altas gerências pilotam jatos, comandam tropas e, como exemplo Brasileiro administra nosso país.

A partir da década de 70, até os dias de hoje, a participação das mulheres no mercado

---

<sup>1</sup>Acadêmica do 8º período do Curso de Administração da Faculdade Presidente Antônio Carlos FAPAC Ubá – MG – email: laisrubi@hotmail.com

<sup>2</sup>Acadêmico do 8º período do Curso de Administração da Faculdade Presidente Antônio Carlos FAPAC Ubá – MG – email:leandro-costa-oliveira@hotmail.com

<sup>3</sup>Prof. Adjunto da FAPAC/UBA – email: enoquefupac@gmail.com

de trabalho tem apresentado uma espantosa progressão. Se em 1970 apenas 18% das mulheres brasileiras trabalhavam, chega-se a 2007 com mais da metade delas (52,4%) em atividade. Ao analisar o comportamento da força de trabalho feminina no Brasil, nos últimos 30 anos, o que chama a atenção é o vigor e a persistência do seu crescimento. Com um acréscimo de 32 milhões de trabalhadoras entre 1976 e 2007, as mulheres desempenharam um papel muito mais relevante do que os homens no crescimento da população economicamente ativa(LAIS ABRAMO e ALICE RANGEL PAIVA ABREU, 1998).<sup>4</sup>

É importante, no entanto, ressaltarmos que a inclusão da mulher no mercado de trabalho vem sendo acompanhada, ao longo desses anos, por elevado grau de discriminação, tanto na qualidade dos cargos, quanto na remuneração desigual em relação aos homens.

Diante do exposto acima, o objetivo deste artigo é mostrar a inserção da mulher no mercado de trabalho, as desigualdades e discriminações enfrentadas.

## **2 A evolução das mulheres no mercado de trabalho**

Em tempos passados, eram os homens que dominavam os lares; e as mulheres não podiam exercer profissões remuneradas. Hoje, esse cenário mudou. Há um grande número de mulheres que deixaram de ser apenas esposas, donas de casa e mães, para se inserir no mercado de trabalho, ganhando assim seu espaço de forma brilhante, mostrando toda sua capacidade, competência e habilidades. Essa conquista é lenta, mas, constante e diária.

Durante os anos, é certo que as necessidades pessoais e gerais de uma sociedade se modificam, porém, o que vamos ver é uma realidade de inserção, antes mesmo da Revolução Industrial de acordo com Toitio,

O trabalho feminino passa a integrar crescentemente a estrutura econômica à sociedade capitalista, sempre sob a determinação mencionada, ou seja, submetida ao capital e à sua necessidade de valorização no entanto nas primeiras décadas do século passado era ainda muito superior a proporção do trabalho masculino em relação ao feminino na esfera produtiva.<sup>5</sup>

Muito se fala sobre a discriminação da mulher, contudo o que se sabe é que ela era submissa ao homem em todos os sentidos. Elas não podiam sair de casa ou trabalhar fora dela, pois eram mal interpretadas e discriminadas pela sociedade; o trabalho fora de casa era exclusivamente do marido. Toledo et al. (1985, p.11)<sup>6</sup>destaca essa desigualdade entre homens e mulheres como uma questão cultural e familiar. Desde pequenos, os filhos já são ensinados

---

<sup>4</sup><http://www.fcc.org.br/bdmulheres/>

<sup>5</sup><http://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos14/20320175.pdf>

<sup>6</sup>[www.upf.br/seer/index.php/ser/article/download/1783/1188](http://www.upf.br/seer/index.php/ser/article/download/1783/1188)

que o pai é responsável pelo trabalho e problemas fora de casa; e a mãe submissa a eles, executando apenas trabalhos domésticos. Os filhos eram educados desta forma: as meninas ajudavam a mãe no trabalho de casa e os meninos aprendiam com o pai o trabalho que cabia ao homem executar. As meninas, até nas brincadeiras infantis, são educadas a serem donas de casa: brincam de casinha e boneca. São educadas a serem dóceis passivas e dependentes. Aos meninos, maior liberdade, podendo brincar na rua, em jogos mais agressivos, onde demonstram independência, força e coragem. A discriminação por sexo, portanto, inicia na família, desde a infância.

A introdução das mulheres do mercado de trabalho teve início com as I e II Guerras Mundiais (1914 – 1918 e 1939 – 1945, respectivamente), no momento em que os homens iam para as batalhas as mulheres não os tinham mais para sustentá-las, sustentar a casa e os filhos. Então viram a oportunidade de assumir o lugar dos maridos no mercado de trabalho e na economia familiar. Mas a guerra acabou. E com ela a vida de muitos homens que lutaram pelo país. Os que sobreviveram ficaram com sequelas e impossibilitados de trabalhar; foi quando houve a necessidade das mulheres deixarem de ser apenas donas de casa e mães e assumirem o trabalho antes realizado pelos homens.

Foi pós-guerra que as mulheres começaram inserir no mercado de trabalho, todavia não eram valorizadas como os homens. As que ficavam viúvas, ou eram de uma elite empobrecida, faziam trabalhos artesanais, ou davam aulas de piano, bordado e etc. Mas a remuneração era pequena e seu trabalho era menosprezado e mal visto pela sociedade. (PROBST, 2003, p.1) <sup>7</sup>

Desta forma, as mulheres começaram a ingressar no mercado de trabalho, de modo informal e muito timidamente, mas foram ganhando espaço e força. Junto com essa conquista, foram criados alguns benefícios a elas, como estabelecido na Constituição de 32 que “sem distinção de sexo, a todo trabalho de igual valor correspondente salário igual; veda-se o trabalho feminino das 22 horas às 5 da manhã; é proibido o trabalho da mulher grávida durante o período de quatro semanas antes do parto e quatro semanas depois; é proibido despedir mulher grávida pelo simples fato da gravidez”.

Mesmo com essa conquista, algumas formas de exploração perduraram durante muito tempo, como jornadas entre 14 e 18 horas e diferenças salariais eram comuns. A justificativa desse ato estava centrada no fato de o homem trabalhar e sustentar a mulher. Desse modo, não havia necessidade de a mulher ganhar um salário equivalente ou superior ao do homem.

---

<sup>7</sup><http://www.amde.ufop.br/tccs/Sete%20Lagoas/Sete%20Lagoas%20-%20Lillian%20Costa.pdf>

### 3 Mulher no mercado de trabalho brasileiro

Com a consolidação do sistema capitalista no século XIX, ocorreram várias mudanças na dinâmica do trabalho feminino. Um intenso crescimento da maquinaria e um acelerado desenvolvimento tecnológico fizeram com que grande parte da mão de obra feminina fosse transferida para as fábricas, com uma carga horária de até 18 horas por dia e um salário inferior ao do homem (Kühner, 1977).<sup>8</sup>

Segundo Probst<sup>9</sup> (2003), após essa transformação, para favorecer as mulheres que trabalhavam fora de suas residências, a Constituição de 1932 estabeleceu igualdade no valor correspondido ao salário, para os mesmos trabalhos, sem discriminar ambos os sexos. Mas, mesmo assim, com essas melhorias, a mulher teve continuidade de ser explorada, com o argumento de que o homem era o defensor do lar, era o que tinha como obrigação de sustento da família. Assim, não era necessário pagar um salário superior ao homem.

Com tudo ocorrido nesse período, a inserção da mulher no mercado de trabalho teve um crescimento. De acordo com as pesquisas feitas, as estatísticas mostram que a participação da mulher no mercado de trabalho teve um crescimento feito intensivo desde os anos 70.

Com o passar dos tempos, as mulheres vão ampliando seu espaço na economia nacional, o fenômeno ainda é devagar, mas mantém constante e progressivo, mesmo em decorrência das crises econômicas que houve nesse período, não ocorreu a retroação. Com apenas 18,2% do público feminino superior a 10 anos de idade economicamente ativas na década de 70; já na década de 90 a taxa de atividade das brasileiras dobrou, com um percentual de 39,2% e a quantidades das trabalhadoras ultrapassou de 22 milhões (BRUSCHINI, 1989).<sup>10</sup>

Segundo Leite (1994, p. 222-223): “Desmancha-se no ar a outrora sólida barreira que impedia a chegada da mulher às organizações: não existe mais a necessidade da força física. Preparo intelectual, conhecimento, inovação são palavras-chaves na busca da excelência e independe do sexo do profissional”.<sup>11</sup>

A década de 80 foi recebida com uma crise econômica, alta elevação das taxas de inflação, baixa qualidade de vida dos trabalhadores, provocando grande índice de

---

<sup>8</sup><http://www.faceq.edu.br/e-faceq/downloads/numero02/4%20A%20mulher%20no%20mercado%20de%20trabalho.pdf>

<sup>9</sup><http://www.faceq.edu.br/e-faceq/downloads/numero02/4%20A%20mulher%20no%20mercado%20de%20trabalho.pdf>

<sup>10</sup><http://www.faceq.edu.br/e-faceq/downloads/numero02/4%20A%20mulher%20no%20mercado%20de%20trabalho.pdf>

<sup>11</sup>[http://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos09/354\\_Carreira\\_Feminina\\_Quebrando\\_paradigmas\\_e\\_alcancando\\_o\\_sucesso.pdf](http://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos09/354_Carreira_Feminina_Quebrando_paradigmas_e_alcancando_o_sucesso.pdf)

desemprego, modificando o quadro de crescimento da década anterior.

Segundo Bruschini<sup>12</sup> (1989, p.11): “A intensidade da recessão econômica dos primeiros anos da década de 80 modifica o quadro de crescimento da década anterior, provocando aumentos nas taxas de desemprego e alteração na distribuição da população economicamente ativa, deslocando-a do setor industrial para ocupações no setor informal, e refletindo-se no aumento de autônomos e no subemprego, escondido sob a forma de "bicos" ou "quebra-galhos””.

Segundo Dutra (2002),

No Brasil, as pessoas são naturalmente resistentes ao planejamento de sua vida profissional por não terem nenhum estímulo para isso ao longo da vida. Além disso, encontra-se uma realidade onde o indivíduo tende a guiar sua carreira mais por apelos externos, como remuneração, status, prestígio, do que por preferências pessoais.<sup>13</sup>

Na diminuição da atividade econômica, com queda da produção e desemprego fez com que a população econômica ativa modificasse dos setores primários que são (relacionados à produção através da exploração de recursos da natureza); secundários que são (produtos industrializados) e para o setor terciário (pessoas ou empresas prestam serviços a terceiros), fazendo parte das ocupações da mulher como atividades administrativas, comerciais, bancárias e sociais, prestação de serviços e o emprego na administração pública, áreas em que sempre obteve mais sucesso de inserção, o que impediu que fossem expulsas do mercado de trabalho devido à crise.

Segundo Lavinias (1999)

(...) quanto à empregabilidade por sexo, revela-se a necessidade de, por um lado, construir e monitorar indicadores que possam medir como está mudando qualitativamente a forma de inserção ocupacional das mulheres, considerando sua entrada em setores onde estão pouco presentes (ramos e atividades). Por outro lado, observar como evolui o rendimento médio feminino nas ocupações e atividades onde elas já são maioria entre os ocupados, de modo a inferir se acompanha a evolução dos rendimentos em geral ou se aponta ganhos indicando mobilidade ascendente na hierarquia funcional.<sup>14</sup>

Pesquisas atuais feitas nas regiões metropolitanas do Brasil como: Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, fizeram um levantamento da

<sup>12</sup><http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/textosfcc/article/viewFile/2435/2390>

<sup>13</sup>[http://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos09/354\\_Carreira\\_Feminina\\_Quebrando\\_paradigmas\\_e\\_alcancando\\_o\\_sucesso.pdf](http://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos09/354_Carreira_Feminina_Quebrando_paradigmas_e_alcancando_o_sucesso.pdf)

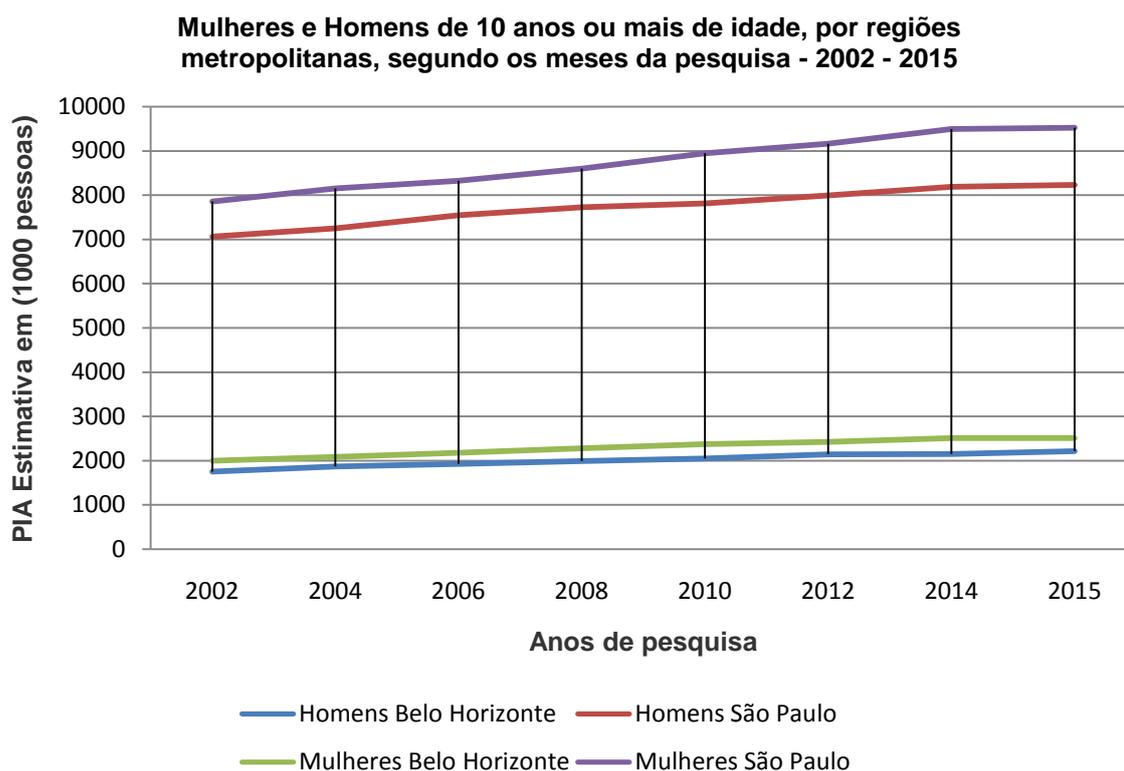
<sup>14</sup>[http://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos09/354\\_Carreira\\_Feminina\\_Quebrando\\_paradigmas\\_e\\_alcancando\\_o\\_sucesso.pdf](http://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos09/354_Carreira_Feminina_Quebrando_paradigmas_e_alcancando_o_sucesso.pdf)

população por idade ativa (PIA), a mulher com percentual maior que a dos homens. Essa pesquisa feita entre 2002 a 2015 pelo IBGE<sup>15</sup>. Nesse percentual o homem consta 45,9%, e a Mulher 53,1%, ativas para o mercado de trabalho, constando a mulher com uma margem maior que a dos homens.

De acordo com Albuquerque (2010), nascem 105 homens a cada 100 mulheres, mas como eles estão mais vulneráveis à situações de violência, por exemplo, o número de mortes é maior.<sup>16</sup>

Tendo como objetivo dos dados mostrados, tanto a importância da mulher na sociedade, em vista do homem, essa comparação dá para perceber um crescimento da população feminina dentro do Brasil. Nesse período, analisando a tabela de pesquisa do IBGE<sup>17</sup>, nas regiões metropolitanas, separando duas capitais das cidades de grande porte como: São Paulo e Belo Horizonte (GRAF. 1).

GRÁFICO 1.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Mensal de Emprego mar.2002-set.2015. Adaptado pelos autores.

E se tratar da população economicamente ativa (PEA), os homens têm um percentual maior do que as mulheres, com uma margem de 53,5% e a mulher, 46,5%, uma pequena

<sup>15</sup>[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme\\_nova/defaulttab\\_hist.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/defaulttab_hist.shtm)

<sup>16</sup><http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2011-04-29/em-dez-anos-populacao-feminina-superou-masculina-em-4-milhoes>

<sup>17</sup>[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme\\_nova/defaulttab\\_hist.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/defaulttab_hist.shtm)

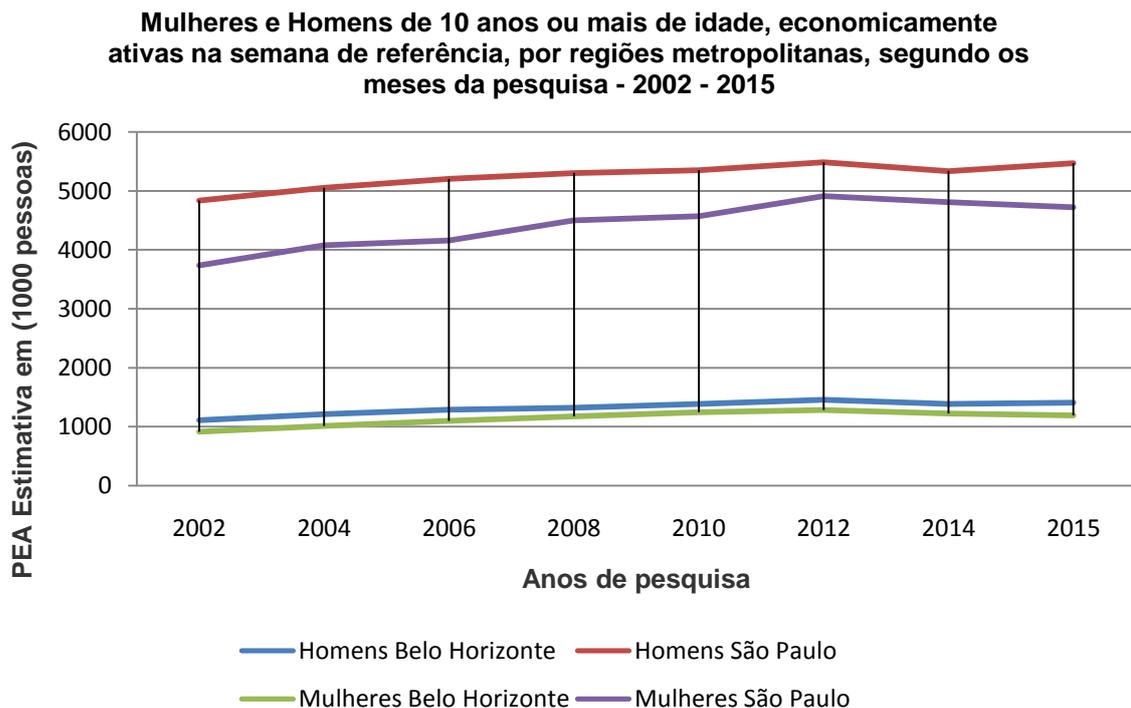
diferença, vindo o decorrer da história com a luta das mulheres no mercado de trabalho. Olhando o passado visto neste artigo, dá para perceber uma grande conquista.

Segundo Silva (1991, p.91)<sup>18</sup>

A apreensão de como os determinismos psíquicos e sociais se articulam nas subjetividades dos sujeitos, em função da história de vida, do sexo, da posição social que ocupa e do lugar em que a profissão escolhida se situa nos mercados escolares e de trabalho, com vistas a explicar os mecanismos subjacentes à escolha profissional(...).

Comparando a população economicamente ativa (PEA), das metropolitanas do Brasil, feitas a pesquisa dentro das regiões de Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, separadas as regiões de Belo Horizonte e São Paulo, por se tratar de uma das capitais com mais população, analisadas as capitais (GRAF. 2).

GRÁFICO 2.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Mensal de Emprego mar.2002-set.2015. Adaptado pelos autores.

Analisando que as duas capitais têm um grande número de mulheres e homens ativos no mercado de trabalho, observando que a mulher tem uma menor parte no mercado em vista ao homem, mas mesmo com essa diferença, a mulher tem seguido o homem no crescimento da população economicamente ativa (PEA), mas comparando a história que cita nesse artigo é uma vitória na qual elas estão tendo no mercado com esse crescimento.

Essa é uma demonstração de como está a população ativa e não ativa no mercado de trabalho, quanto ao homem e à mulher, feita em Belo Horizonte e São Paulo: duas das grandes capitais do Brasil onde foi feito este estudo. Assim, comparando as duas categorias da população por idade ativa (PIA) e a população economicamente ativa, percebe-se que a mulher é superior à população por idade ativa em relação ao homem, mas em se tratar de população economicamente ativa nota-se que ela é inferior a ele, mas ambos seguindo o mesmo crescimento quanto um ou outro seguimento.

Embora as mulheres sejam maioria na população de 10 anos ou mais de idade, elas são minoria na população ocupada, mas estão em maioria entre os desocupados. Acrescenta-se ainda, que elas são maioria também na população não economicamente ativa. Em 2009, em média, eram 10,6 milhões de mulheres na força de trabalho, sendo 9,6 milhões ocupadas e 1,1 milhão desocupadas. O contingente de mulheres na inatividade foi estimado em 11,3 milhões. (IBGE)<sup>19</sup>

Segundo Vieira (2006, p.12)<sup>20</sup>

“A crescente urbanização e expansão da industrialização contribuíram para um ambiente propício à entrada de novos trabalhadores no mercado de trabalho, incluindo o sexo feminino.”

No GRAF. 3 observa-se a comparação feita pelos dois seguimentos da população, que são: População por idade ativa (PIA), população economicamente ativa (PEA).

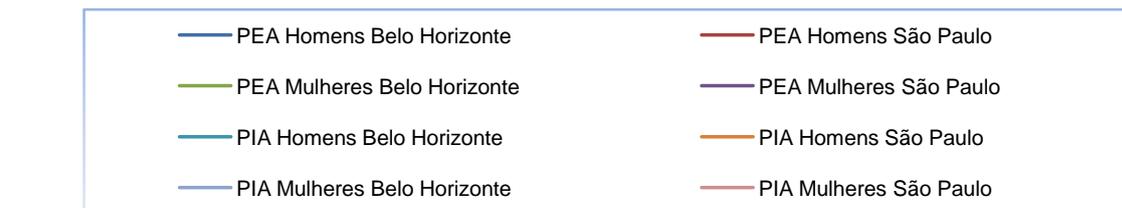
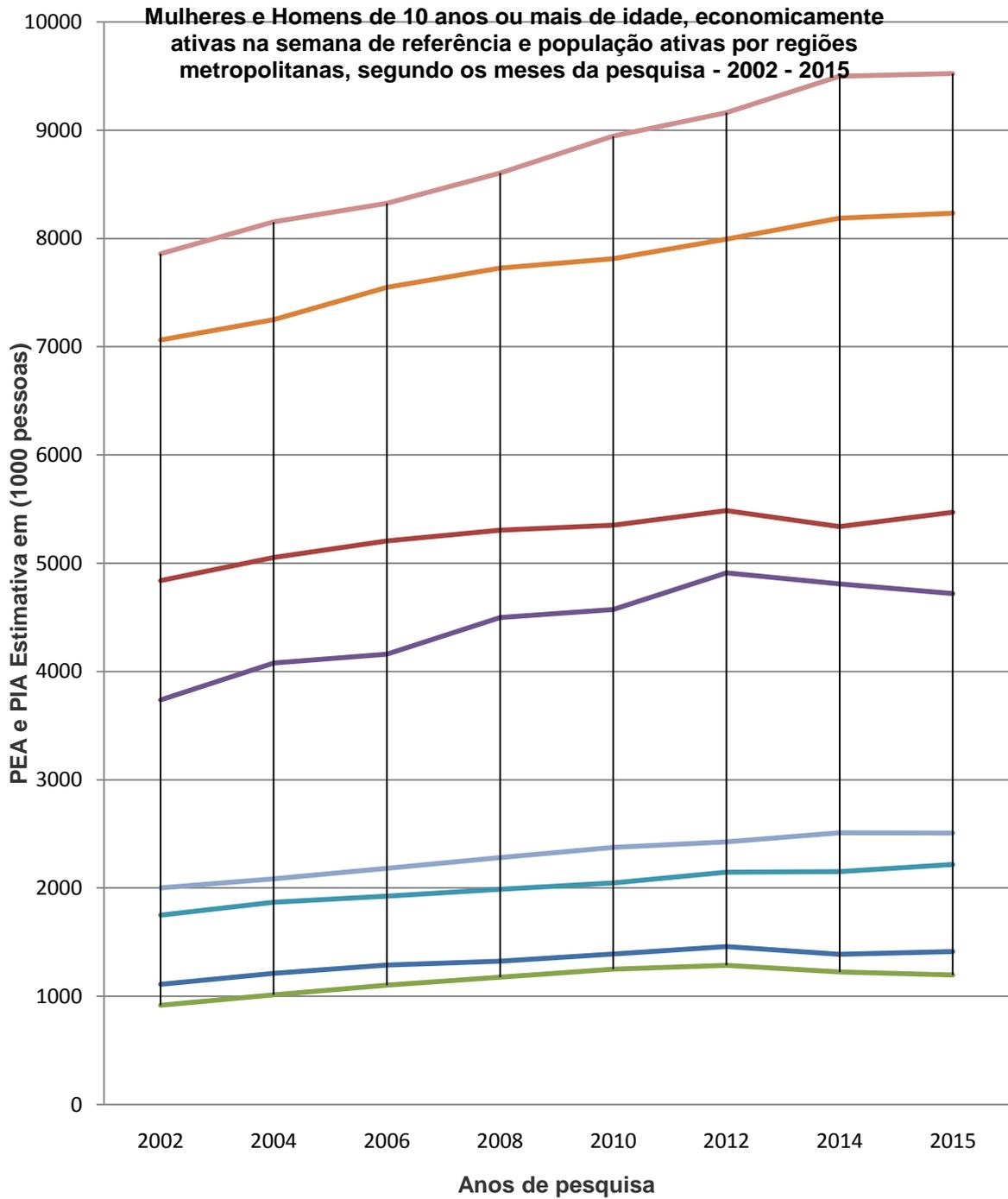
---

<sup>18</sup>[http://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos09/312\\_Carreira\\_Feminina.pdf](http://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos09/312_Carreira_Feminina.pdf)

<sup>19</sup>[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme\\_nova/defaulttab\\_hist.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/defaulttab_hist.shtm)

<sup>20</sup><http://www.faceq.edu.br/efaceq/downloads/numero02/4%20A%20mulher%20no%20mercado%20de%20trabalho.pdf>

GRÁFICO 3.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Mensal de Emprego mar.2002-set.2015. Adaptado pelos autores.

Explorando este fenômeno, temos que considerar este universo grandioso. O decorrer desta etapa teve uma mudança no valor social nesse caso. A mulher parou de ser apenas uma parte dependente da família para se tornar o comandante dela em algumas situações. Por isso, esse ingresso no mercado é uma vitória. O processo é demorado, mas sólido e gratificante.

Outra qualidade delas que se consegue distinguir por características próprias que acompanha a mulher é a sua pós-jornada de trabalho. Com suas obrigações na rotina de trabalho na organização. Elas têm que fazer a parte de sua própria casa com afazeres domésticos. Isso acontece em quase 90% dos casos. Em uma década, o número de mulheres responsáveis pelos domicílios brasileiros aumentou de 18,1% para 24,9%, segundo os dados da pesquisa “Perfil das Mulheres Responsáveis pelos Domicílios no Brasil”, desenvolvida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2015).<sup>21</sup>

#### **4 Evolução da mulher no mercado de trabalho**

Com a consolidação do sistema capitalista, no séc. XIX, inúmeras mudanças ocorreram na produção e na organização do trabalho feminino. Com a revolução industrial (desenvolvimento tecnológico, surgimento das máquinas), boa parte da mão de obra feminina foi transferida para dentro das fábricas. Nessa época, o trabalho da mulher foi muito utilizado, principalmente na operação das máquinas. Os empresários preferiam as mulheres nas indústrias, porque elas aceitavam salários inferiores aos dos homens, porém faziam os mesmos serviços que estes. Em razão disso, as mulheres sujeitavam-se a jornadas de trabalho de 14 a 16 horas por dia, salários baixos, trabalhando muitas vezes em condições prejudiciais à saúde e cumprindo obrigações além das que lhes eram possíveis, só para não perder o emprego. Além de tudo, a mulher deveria, ainda, cuidar dos afazeres domésticos e dos filhos. Não se observava uma proteção na fase de gestação da mulher, ou de amamentação (PINTO MARTINS, 2008).<sup>22</sup> A história da mulher no mercado de trabalho, no Brasil, está sendo escrita com base, fundamentalmente, em dois quesitos: a queda da taxa de fecundidade e o aumento no nível de instrução da população feminina. Estes fatores vêm acompanhando, passo a passo, a crescente inserção da mulher no mercado e a elevação de sua renda.

Segundo Araújo Teixeira (2008)<sup>23</sup>, “para consolidar sua posição no mercado, a mulher tem cada vez mais adiado projetos pessoais, como a maternidade”. A redução no número de filhos é um dos fatores que têm contribuído para facilitar a presença da mão-de-obra feminina.

<sup>21</sup><http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/07032002mulher.shtm>

<sup>22</sup>[http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n\\_link=revista\\_artigos\\_leitura&artigo\\_id=6088](http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=6088)

<sup>23</sup>[http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n\\_link=revista\\_artigos\\_leitura&artigo\\_id=6088](http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=6088)

Com menos filhos, as mulheres têm mais facilidade em conciliar melhor o papel de mãe e trabalhadora, pois a atividade produtiva fora de casa passou a ser tão importante quanto à maternidade.

Entretanto a trajetória da mulher nos últimos séculos é extraordinária: de uma educação baseada exclusivamente ao cuidado do lar, no período colonial, para uma participação tímida nas escolas públicas mistas em meados do séc. XIX, seguida de uma presença hoje majoritária em todos os níveis de escolaridade, bem como uma expressiva participação no quadro docente da educação superior.

Em se tratando de evolução do mercado de trabalho feminino, o crescimento é constante. Inserida nele no século XIX, passou a dar continuidade aos negócios da família, nos casos em que o marido veio a faltar por motivos da guerra. Com a revolução industrial, passou a ser colocada para dentro das fábricas. Sofreu inúmeras discriminações em razão do gênero, porém, sua evolução se deu da mesma forma, sendo que conseguiu e está conseguindo a cada dia conquistar seu espaço no mercado de trabalho, sempre com o objetivo de atingir a igualdade perante o sexo oposto. “Uma verdadeira revolução: as mulheres invadem o mundo de trabalho masculino, e, tecnicamente, acabam com a separação entre o mundo privado e o público” (MURARDO, 1992).<sup>24</sup>

Mulheres rotuladas como fantásticas, sejam elas operárias de fábricas, trabalhadoras de comércio, empresárias, autônomas, trabalhadoras do campo, entre outras. Ainda que com problemas de ordem privada, que muito dificultam seu desempenho como profissional, afetando o seu cotidiano, conseguem conciliar seu papel de trabalhadora, esposa, mãe, dona de casa, pois, diferente do que acontece com os homens, o trabalho das mulheres não só depende da demanda no mercado ou da sua capacidade para atendê-la, contudo decorre também de uma articulação complexa de características pessoais e familiares, tomando espaço num mundo de uma cultura onde ao homem cabia a vida pública e à mulher a vida doméstica, evoluindo ao ponto de muitas conquistas, num mercado de trabalho onde apesar da evolução, a discriminação ainda é aparente”(BEZERRA LIMA, 2004).<sup>25</sup>

## **5 Considerações finais**

Atualmente, a evolução feminina no mercado de trabalho é visível, apesar de serem a minoria quando comparada aos homens, e por serem menos remuneradas que eles mesmo em cargos iguais ou semelhantes.

---

<sup>24</sup>[http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n\\_link=revista\\_artigos\\_leitura&artigo\\_id=6088](http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=6088)

<sup>25</sup>[http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n\\_link=revista\\_artigos\\_leitura&artigo\\_id=6088](http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=6088)

Foram muitos os movimentos feministas realizados, e esses contribuíram para o crescimento da mulher no mercado de trabalho e na sociedade.

As mulheres hoje, não são como antes. Elas são independentes, estudam, trabalham; além de cuidar dos filhos e do lar e, muitas vezes, realizarem atividades extras para ajudar com as despesas. Também já contribuem com o orçamento familiar, o que antes era obrigação somente do homem, e as mulheres que o faziam, eram discriminadas e mal vistas pela sociedade.

Portanto, as mulheres derrubaram barreiras e preconceitos existentes, devido à cultura conservadora que dominava a sociedade e a cada dia conquista um novo espaço, com muita luta e persistência.

### **Abstract**

The main subject discussed in this essay is the evolution of women's rights to work, employment rights for women include non-discriminatory access of women to jobs and equal pay. In this thesis, we will talk about the beginning of the battle for women's rights and every aspect of its development, along with relevant statistics which contributes to the process. Actually, the frequent discrimination against the female gender brings up the issue that prevents women from playing an important role as citizens in society. Though, that sort of discrimination affects women in many ways in the economic and social field. Since the time that women's rights got a significant recognition, history has changed exponentially, but truth is that a lot more evolution still have to happen. Although, what really draws attention worldwide is the massive number of successful ladies emerging in the employment field, with absolute financial independence, high wages and qualified jobs.

**Key tags:** Women's rights. Discrimination. Wage inequality.

### **Referências**

Âmbito Jurídico, Mulher e mercado de trabalho. Disponível em: <[http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n\\_link=revista\\_artigos\\_leitura&artigo\\_id=6088](http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=6088)>. Acesso em 17 de outubro de 2015.

AEDB Associação Educacional Dom Bosco, Carreira Feminina: Quebrando paradigmas e alcançando o sucesso. Disponível em: <[http://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos09/354\\_Carreira\\_Feminina\\_Quebrando\\_paradigmas\\_e\\_alcancando\\_o\\_sucesso.pdf](http://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos09/354_Carreira_Feminina_Quebrando_paradigmas_e_alcancando_o_sucesso.pdf)>. Acesso em 23 de outubro de 2015.

AEDB Associação Educacional Dom Bosco, Gestão de Carreira: Barreiras e Diferenças para a Entrada e Permanência da Mulher no Mercado de Trabalho. Disponível em: <[http://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos09/312\\_Carreira\\_Feminina.pdf](http://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos09/312_Carreira_Feminina.pdf)>. Acesso em 22 de outubro de 2015.

APARÍCIO, Ingrid; MELLO, Kelli; OLIVEIRA, Priscila. Desenvolvimento de Carreira: O Papel da Mulher nas Organizações. Artigo publicado na **Revista Cadernos de Administração**, v. 1, ano 2, nº 03 jan./ jun. 2009. P.130-148. Disponível em:

<<http://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/Desenvolvimento-De-Carreira-o-Papel-Da/48357.html>>. Acesso em 20 de outubro de 2015.

BAYLÃO, André Luis; SCHETTINO, Elisa Mara Oliveira. AEDB Associação Educacional Dom Bosco. A Inserção da Mulher no Mercado de Trabalho Brasileiro. Disponível em: <<http://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos14/20320175.pdf>>. Acesso em 28 de outubro de 2015.

BEZERRA LIMA, M. E.: “Organización de las mujeres en la CUT”, *Revista Observatorio Social*, núm. 5, 2004.

BRUSCHINI, Maria Cristina. Trabalho das mulheres e mudanças no período 1985 – 1995. Fundação Carlos Chagas/ São Paulo: FCC/DPE, 1998. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/bdmulheres/serie1.php?area=series>>. Acesso em 23 de outubro de 2015.

EBC Empresa Brasil de Comunicação, Em dez anos, população feminina superou a masculina em 4 milhões. Disponível em: <http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2011-04-29/em-dez-anos-populacao-feminina-superou-masculina-em-4-milhoes>>. Acesso em 19 de outubro de 2015.

Gênero e trabalho na sociologia latino-americana, Laís Abramo e Alice Rangel Paiva Abreu (orgs), São Paulo; Rio de Janeiro: ALAST/SERT 1998, Série II Congresso Latino-americano de Sociologia do Trabalho, 368 pgs.

Instituto Brasileiro de Geografia e estatística, IBGE divulga indicadores sociais sobre a mulher. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/07032002mulher.shtm>>. Acesso em 15 de outubro de 2015.

Instituto Brasileiro de Geografia e estatística, Pesquisa Mensal de Emprego. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme\\_nova/default\\_tab\\_hist.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/default_tab_hist.shtm)>. Acesso em 15 de outubro de 2015.

QUERINO, Luciane Cristina Santos; DOMINGUES, Mariana Dias dos Santos; LUZ, Rosângela Cardoso. A Evolução da mulher no Mercado de Trabalho. E-FACEQ: **revista dos discentes da Faculdade Eça de Queirós**, ISSN 2238-8605, Ano 2, número 2, agosto de 2013. <http://e-faceq.blogspot.com.br/>. Disponível em: <<http://www.faceq.edu.br/e-faceq/downloads/numero02/4%20A%20mulher%20no%20mercado%20de%20trabalho.pdf>>. Acesso em 15 de outubro de 2015.

MURARDO, R. M.: La mujer en el tercer milenio: una historia de la mujer a través de los tiempos y perspectiva para el futuro, Rio de Janeiro, ed. Rosa de los Tiempos, 1992.